

CRÓNICAS DO MEU JARDIM

É um avião! É o super-homem! Naaaa... é um pardal.

Apesar do termo «pardal» englobar diferentes aves, algumas das quais presentes em Lousada, a maioria das pessoas, quando dele faz uso, refere-se a uma espécie em particular: o pardal-doméstico ou pardal-de-telhado. O seu reduzido tamanho, aliado a uma plumagem discreta, a um léxico vocal relativamente modesto e, sobretudo, a uma ubiquidade que, não raras vezes é motivo de atrito com os vizinhos humanos, tornou os pardais tão banais aos nossos olhos, que raramente reparamos neles. Mas será que conhecemos, verdadeiramente, estes vizinhos emplumados e barulhentos que conosco partilham os jardins e espaços urbanos?





FIGURA 1 Apesar de aparentados, o pardal-de-telhado (esquerda) e o pardal-montês (direita) ostentam substanciais diferenças de plumagem, com destaque para a coroa, as faces e o «babete».

Pardais há muitos

Imagino, caro leitor, que recorrentemente se tenha deparado com dúvidas acerca da identificação desta ou daquela ave que, ocasionalmente, vislumbra no aconchego do seu jardim. Se tiver experiência ornitológica fará jus ao *know how* e proferirá do alto da cátedra a sentença taxonómica e nomenclatural. Se não, como acontece amiúde entre os aspirantes a jardineiros que detetam uma ave que não logram identificar, poderá sempre alvitrar (neste caso convém que o faça com toda a convicção e naturalidade), que aquela ave do tamanho de um pombo, com flancos azuis e bico grande que acaba de atravessar o jardim diante do grupo de amigos que cerceia a fumegante churrasqueira no habitual convívio de fim-de-semana... «é um pardal!». «Talvez um pouco obeso, mas claramente um pardal», pode acrescentar. É verdade que os seus amigos poderão não ficar especialmente impressionados com a sua sapiência avifaunística, mas em boa verdade, poucos saberão o suficiente acerca da diferença entre um gaio (a tal ave grande de flanco azul e bico grande) e um pardal (a suposta outra ave) para lhe apontar o dedo reprovador. Ainda assim, para evitar fíftas futuras em matéria de animais com penas que possuem competências voadoras (já agora, como ponto de ordem, os

pardais são claramente aves voadoras), aqui ficam algumas notas acerca dos «nossos» pardais.

Antes de tudo, e apesar da maioria das pessoas julgar que o termo *pardal* designa uma e a mesma espécie, há que desmontar essa cabala do senso comum burguês e assumir, com veemência e frontalidade, que há pardais e pardais! É caso para clamar: *Pardais de todo o mundo, uni-vos!* (com a devida vénia e deferência a Karl Marx, pai de todos os clamores). De facto, os pardais pertencem à família *Passeridae* que, por via do ducentésimo nono tetravô paterno, um inveterado mulherengo (perdão, *passarengo*), partilham familiaridades com os *Fringillidae* (tentilhões, pintarroxos, verdilhões e afins) e *Ploceidae* (tecelões). Para além da taxonomia, e da constituição pequena e rechonchuda, bico cónico e coloração pardacenta (isso mesmo... tal e qual um pardal), os pardais distinguem-se dos seus demais familiares pelo facto de possuírem, para desespero dos meus sensíveis órgãos auditivos, um reportório vocal absolutamente elementar, composto por sons pipilados e chilreados que fazem questão de irradiar continuamente, como tão bem saberá quem convive paredes meias (perdão,

telhados meios) com colônias de pardais madrugadores. Para surpresa de muitos leitores, saiba que em Portugal existem quatro espécies de pardais: o pardal-de-telhado (*Passer domesticus*), o pardal-montês (*Passer montanus*), o pardal-espanhol (*Passer hispaniolensis*) e, finalmente, o pardal-francês (*Petronia petronia*). Destes, apenas o pardal-de-telhado e o pardal-montês podem ser observados em Lousada. Mas enquanto o pardal-de-telhado (o *tal* pardal) é abundante e comum em todo o território, tanto mais que se trata de uma espécie antropófila¹ (apesar da etimologia grega da palavra - *anthropos*, «homem» + *philos*, «amigo» - muitos hortelãos seriam bem capazes de discordar da amizade entre pardais e homens, perpetuada em vocábulo pelos contemporâneos de Sócrates. Não *desse*, do outro...), o pardal-montês é bastante raro localmente e, além disso, difícil de detetar dado que frequentemente se associa aos bandos de pardal-de-telhado. Ao contrário do seu parente dos telhados, claramente cosmopolita, o pardal-montês tem uma essência campesina, preferindo o sossego e a pacatez dos terrenos agrícolas entremeados por pequenos bosques ao frenesim da urbe que nunca dorme.

Vida de Pardal

A memória mais remota que tenho de pardais (os tais *ocupas* do telhado) repousa algures na infância quando acordar era, para a minha escassa bagagem auditiva, sinónimo de *chilp chev chilp chilv chürp*, intercalado por um ocasional *che'r'r'r'r'r* ao qual se seguia, de novo o *chilp chev chilp chilv chürp*. E como chilreavam aqueles pardais! Era um acordar monótono e com pouco entusiasmo melódico, mas tranquilo, ainda assim. Mais tarde, por volta dos 15 anos (altura em que é suposto descobrimos coisas úteis para a sobrevivência e perpetuação da espécie humana, como distinguir pardais, por exemplo) descobri que os *tais* pardais que viviam no nosso telhado, incluindo a chaminé (aparentemente os pardais lá de casa eram indiferentes aos coloridos impropérios com que o

¹Em ecologia, antropófila significa indissociável dos seres humanos, que depende deles. Com efeito, o pardal-de-telhado está tão dependente da presença humana, nomeadamente no que ao alimento diz respeito, que mal uma casa, quinta ou povoação é abandonada, a espécie desaparece.

meu pai visava as suas progenitoras de cada vez que acendia a lareira e despoletava um densa nuvem de fumo dentro de casa) eram, afinal, uma de duas espécies que viviam connosco. Várias espécies de pardais? «Ora essa!», exclamei de mim



FIGURA 2 O pardal-de-telhados é uma espécie ubíqua que tanto ocorre em grandes centros urbanos, como em pequenos aglomerados rurais, sempre em estreita relação com os vizinhos humanos.



FIGURA 3 Em Lousada, o pardal-montês é uma espécie rara e localizada de difícil observação. Ocorre em áreas cultivadas associadas a pequenos bosques ou jardins com boa cobertura arbustiva.



FIGURA 4 No pardal-de-telhado, os machos (esquerda) e as fêmeas (direita) evidenciam um notório dimorfismo sexual.

para comigo ante a enormidade de tal descoberta científica. «Indaguemos!», propus a mim próprio. E lá indaguei. Fazendo uso de um velho par de binóculos permanentemente desfocados (na altura acreditei seriamente que estava a ficar cego) e de um puído guia de aves infantil que descobri na biblioteca itinerante da Gulbenkian (para os leitores mais novos convém esclarecer que a biblioteca itinerante da Gulbenkian era o equivalente ao Dr. Google nos anos 80, mas sobre rodas), dediquei-me a descobrir as subtis diferenças entre as duas espécies que aprendi a distinguir nos bandos de pardais que frequentavam a horta e punham os nervos em franja aos meus pais. Devo acrescentar que os meus pais eram, amiúde, dados a nervos em franja no que à horticultura dizia respeito, sobretudo quando envolvia pardais a degustar descaradamente os tenros rebentos das ervilhas ou das alfaces recém-plantadas. Durante o período de tempo em que me dediquei ao voyeurismo *Passeridae*, para além de ter aprendido a distinguir o pardal-de-telhado do pardal-montês, apercebi-me de alguns factos curiosos. Os pardais-de-telhado são aves extremamente ativas, nervosas e desconfiadas, raramente permanecendo quietas ou permitindo a aproximação dos seres humanos, ainda que estes possam ter intuítos nobres, como seja a fotografia de natureza (um caso clássico de *gosto de ti, mas longe*). Que o diga o meu extenso arquivo de fotografias de pardais desfocados (foi outra época em que pensei que estava a cegar). Para além disso, são terrivelmente territoriais durante a época de reprodução,

defendendo os seus 30 centímetros quadrados de telha como se fosse o último espaço à face da terra. Curiosamente, durante o resto do ano são bastante gregários, sendo comum observá-los em bandos alargados procurando comida no chão juntamente com o pardal-montês e outras espécies granívoras, como o verdilhão e o tentilhão. Os seus ninhos são cuidadas estruturas globulares feitas de palhas secas e com uma entrada lateral. Podem criar até quatro ninhadas por ano com posturas de três a cinco ovos. Depois de eclodirem, as crias estão aptas a voar (e a chilrear) ao final de 14 a 15 dias. Que as fêmeas e os machos desta espécie divergem substancialmente em termos de plumagem era para mim um dado adquirido, mas apercebi-me que é apenas durante o período estival que o macho do pardal-de-telhado adquire o característico “babete” preto. De resto, este adorno, largamente apreciado pelas fêmeas (é vê-las doidas perante machos com babetes XXL), aliado à coroa cinzenta e às faces lisas e acinzentadas são a imagem de marca destes garanhões. Quanto ao pardal-montês, além de mais pequeno que o pardal-de-telhado, não apresenta dimorfismo sexual. Como marca distintiva, o pardal-montês possui uma orgulhosa coroa castanho-arruivada e faces brancas, onde se destacam machas pretas a servir de «orelha».

Eu, os pardais e o meu arquiteto

Infelizmente, o arquiteto que projetou a minha casa não gostava de pardais-de-telhado. Evidentemente que nunca mo confessou,

mas pelo facto de ter desenhado uma casa com cobertura plana e sem telhado, só posso crer que o motivo tenha sido esse. O facto, para além de ter irritado os pardais, deixou-me estarecido quando, depois da primeira noite passada na nova morada, a alvorada me despertou sem quaisquer *chilp chev chilp chilv chürp.....che'r'r'r'r'r...* Apercebi-me demasiado tarde do conluio arquitetónico pelo que, ante a impossibilidade de demolir e refazer a casa (confesso que ainda peguei na marreta mas fui demovido pela mão firme da matemática financeira) optei antes por torná-la acessível (e convidativa) aos pardais e lançar o brado de revolta à moda dos adágios que entronizaram estas pequenas aves: «o primeiro milho é dos pardais, ó xô Arquiteto!», ou «passarinhos e pardais, não são todos iguais... toma, vai buscar!», e ainda «ficas a saber, que à rola e ao pardal não engana o temporal». Para dar corpo à reforma arquitetónica, coloquei alguns apartamentos T1 mobilados (leia-se, *caixas ninho adaptadas à pardalada*) na platibanda da casa, desobstruí algumas fendas junto aos respiradouros das chaminés e dispus comedouros e bebedouros no jardim. Pela mesma altura, arquitetei a minha horta e espalhei pelo domicílio familiar abundantes sebes para refúgio e canteiros de gramíneas para alimento. Em pouco tempo, os pardais-de-telhado lá apareceram e foram-se instalando. Eles, as suas famílias, os primos afastados, os amigos dos primos afastados e, juro a pés juntos, as namoradas daqueles. Uns acabaram por se tornar residentes, outros, mais exigentes e de certo pouco convictos do aspeto *low cost* do novo condomínio, acabaram por se mudar para telhados de gama alta.

Anos mais tarde, tive o grato prazer de assistir à tímida aparição do pardal-montês no meu jardim. Sempre discreto e em número reduzido, acabou por assentar arraiais nas cercanias e tornar-se presença ocasional nos comedouros de inverno, acabando, certo ano, por decidir criar uma prole de cinco *pardalitos* numa caixa-ninho colocada numa árvore do quintal. Foi uma situação inusitada e sem direito a sequela, mas nem por isso menos digna de ser cronicada, até porque,



FIGURA 5 Mais pequeno e discreto que o pardal-de-telhado, o pardal-montês constrói os seus ninhos em buracos, tanto de árvores como de edifícios.

estando as populações de pardais em regressão em muitos locais, sobretudo por força das alterações da paisagem urbana (parece que o meu arquiteto não é o único a ter problemas mal resolvidos com pardais), haja jardins que saibam dar corpo à máxima pessoana: o pardal quer, o jardineiro sonha, a obra nasce!



FIGURA 6 Durante o inverno, o pardal-de-telhado forma bandos que podem ser observados a alimentar-se nos restolhos dos terrenos agrícolas e até em comedouros.